



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

TISSIANE EMANUELLA ALBUQUERQUE GOMES

**ESCRITA BIOGRÁFICA E ESCRITA DA HISTÓRIA: AS MINÚCIAS DE UMA
VIDA PELO HISTORIADOR**

**CAMPINA GRANDE
2018**

TISSIANE EMANUELLA ALBUQUERQUE GOMES

**ESCRITA BIOGRÁFICA E ESCRITA DA HISTÓRIA: AS MINÚCIAS DE UMA
VIDA PELO HISTORIADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.
Área de concentração: História e narrativa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Auricélia Lopes Pereira.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633e Gomes, Tissiane Emanuella Albuquerque.
Escrita biográfica e escrita da história [manuscrito] : as minúcias de uma vida pelo historiador / Tissiane Emanuella Albuquerque Gomes. - 2018.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Biografia. 2. Escrita da história. 3. Narrativa de vida. 4.
Narrativa histórica. 5. Operação historiográfica. I. Título
21. ed. CDD 920

TISSIANE EMANUELLA ALBUQUERQUE GOMES

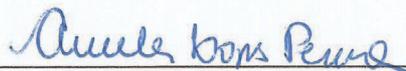
ESCRITA BIOGRÁFICA E ESCRITA DA HISTÓRIA: AS MINÚCIAS DE UMA
VIDA PELO HISTORIADOR

Artigo apresentado ao Curso de História
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em História.

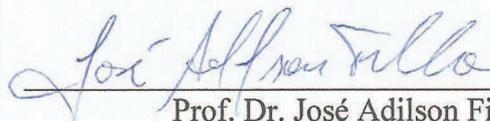
Área de concentração: História e
narrativa.

Aprovada em: 05/12/2018

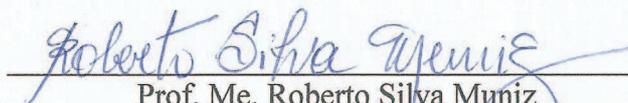
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Auricélia Lopes Pereira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Adilson Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Roberto Silva Muniz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A meus pais e a meu filho, minhas fontes de
inspiração e força para continuar em busca das
realizações de sonhos que sonhamos juntos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e proteção de todos os dias.

Ao meu pai Ubiraci Bernardino Gomes por toda paciência e apoio, estando comigo em toda e qualquer situação para ajudar sem interferir.

A minha mãe Tânia Maria Albuquerque Gomes por acreditar em meu potencial, me auxiliando como pôde a me dedicar aos estudos e por, nos momentos mais difíceis, se fazer presente, me encorajando a seguir.

Ao meu filho Felipe por toda compreensão, paciência e cuidado, acompanhando todas as minhas angústias, mas crescendo junto comigo.

Ao meu noivo Rodrigo Handerson Gomes Diniz, companheiro de turma e presente que o curso de História me deu, pelas discussões empreendidas, atividades e trabalhos que realizamos juntos, pelo apoio com xérox e com transporte, por ouvir minhas queixas sobre a vida acadêmica, comemorando junto cada avanço ou conquista e pelo incentivo contínuo.

Ao meu avô Luiz Farias de Albuquerque (*in memoriam*) que sempre foi meu exemplo de força, responsabilidade e alegria, por seu zelo e mimos, inspirando memórias aconchegantes de uma vida leve e feliz.

A minha avó Olindina Cardozo de Albuquerque pelo acolhimento e carinho em seu lar e, as minhas tias, primas, irmãos, cunhadas e sobrinho pela compreensão diante de minha ausência em eventos familiares, além das palavras de força e encorajamento.

Ao coordenador do curso de História Matusalém Alves de Oliveira pela presteza e atendimento sempre que foi necessário.

A professora Auricélia Lopes Pereira pela dedicação e pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pelo apoio e encorajamento sucessivos na pesquisa desde o nosso encontro ainda no início do curso e, por ter contribuído, demasiadamente, para meu crescimento intelectual, profissional e pessoal.

Ao professor José Adilson Filho e ao professor Roberto Silva Muniz por se dispor a participar da banca examinadora deste trabalho e pelos ricos ensinamentos que aprendi a partir das disciplinas que ministraram.

Aos meus colegas de turma Augusto, Francisco, Hugo, Ivo, Janderson, Joabson, Michel, Ramon e Sérgio pelas noites de aprendizado com debates acalorados.

“A missão do biógrafo seduziu minha imaginação: a ideia de compreender um ser humano tão completamente como uma pessoa poderia compreender outra, de afundar-me numa vida que não a minha, de ver o mundo por meio de olhos novos, de seguir alguém pela infância e por seus sonhos, trilhando a variedade de seus gostos.”

Alain de Botton

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	BIOGRAFIA: PERCURSO, CONCEPÇÕES E POSSIBILIDADES NA HISTORIOGRAFIA	09
2.1	Compreensões sobre a narrativa biográfica	11
2.2	Biografia no campo de estudo dos historiadores	15
2.2.1	<i>Diálogo com o material biográfico</i>	16
2.2.2	<i>Contato com o relato sobre si do outro</i>	18
2.2.3	<i>O “eu” e o “outro”: a relação com o biografado</i>	21
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	26

ESCRITA BIOGRÁFICA E ESCRITA DA HISTÓRIA: AS MINÚCIAS DE UMA VIDA PELO HISTORIADOR

Tissiane Emanuella Albuquerque Gomes*

RESUMO

O gênero biográfico já foi encarado com certa desconfiança, sendo, em vários momentos, menosprezado pelos historiadores e, embora nas últimas décadas tenham ganhado reconhecimento e visibilidade, são ainda tímidos os estudos que se dedicam a escrever uma vida na área de História no Brasil. Contudo, a biografia tem se mostrado enquanto uma abordagem renovadora da escrita da História, colocando a trajetória individual sujeita a várias indagações e interpretações. Logo, intenta-se focar a biografia como uma modalidade de escrita da História, ilustrando algumas possibilidades e limites do trabalho historiográfico que toma esse tipo de texto como objeto de pesquisa. Para pensar a biografia no campo da operação historiográfica, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca do gênero, evidenciando as peculiaridades da narração de uma vida pelo profissional da História, através, sobretudo, de seu diálogo com as fontes e com o discurso proferido pelo outro, bem como da relação historiador-biógrafo e biografado. Os resultados apontaram que sem encontrar um modelo fechado de análise, o historiador faz uma leitura interpretativa das produções de escritas de si e discursivas, no âmbito de propostas metodológicas que permitem o diálogo com o outro em prol de traduzir uma vida. Diante de sua versatilidade e hibridismo, o gênero vem aproveitando o historiador como competente manipulador de erudição documental com sensibilidade poética e sedução artística, colocando a escrita biográfica como um lugar de entendimento do passado enquanto unidade não estabelecida e incoerente, espaço de conflitos e de construção de trajetórias de vidas abertas, dinâmicas e envolventes.

Palavras-Chave: Narrativa de vida. Narrativa histórica. Operação historiográfica.

1 INTRODUÇÃO

O gênero biográfico teve seus momentos gloriosos, mas também de afastamentos e já foi considerado menor, permanecendo, por um longo período, desprestigiado pelos historiadores. Embora nas últimas décadas tenham ganhado reconhecimento e visibilidade, são ainda tímidos os estudos que se dedicam a escrever uma vida na área de História no Brasil.

Se a nuance problemática ou desafiante que permeia o gênero se apresenta como uma questão inevitável, a biografia tem se mostrado para o historiador enquanto uma abordagem renovadora da escrita da História. Este campo de produção tem se revelado bastante fecundo

* Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: tissianegomescg@gmail.com

para produção historiográfica e a investigação biográfica no âmbito do saber histórico coloca a trajetória individual sujeita a várias indagações e interpretações.

A biografia renovada abandona o indivíduo concebido de forma homogênea e retratado numa trajetória linear, ininterrupta e não permeada de sobressaltos. Na versão mais atual de escrever uma vida o sujeito é entendido como multifacetado e sua trajetória é contraditória e descontínua, entrelaçada numa rede de relações no âmbito de um contexto sempre em devir (MONTEIRO; MÉNDEZ, 2012).

Na sua famosa biografia de São Luis, depois de quinze anos de trabalho, Jacques Le Goff destacou que a biografia faz o historiador se deparar com os problemas clássicos de seu ofício, mas de uma maneira bem mais profunda e complexa. Para o estudioso, a biografia pode se configurar como um campo privilegiado para reflexão acerca dos pactos e aspirações do trabalho do historiador, dos limites dos conhecimentos absorvidos, bem como sobre a reelaboração de definições. Isso porque uma vida individual atua em diversos campos – social, econômico, cultural, religioso – de maneiras diferentes, possibilitando ao historiador-biógrafo investigá-las e explicá-las no campo do seu saber (LE GOFF apud MONTEIRO; MÉNDEZ, 2012).

Diante das ricas oportunidades de reflexão de uma vida individual no âmbito do trabalho de historiadores, busca-se contribuir com a relação biografia e História, enfocando a biografia como uma modalidade de escrita da História, ilustrando algumas possibilidades e limites do trabalho historiográfico que toma esse tipo de texto como objeto de pesquisa. Gomes (2004) no âmbito da variedade das abordagens e análises permeadas pelo debate das ligações entre memória e História, destaca que o historiador confronta a esfera subjetiva da documentação biográfica de escrita de si – que podemos estender para a “o discurso de si” – utilizando procedimentos metodológicos que desconsideram o encontro com a “verdade dos fatos”.

a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p. 14).

Assim, após vigorar a História sem sujeito nos dois últimos séculos, que se empenhou em tratar de nações, grupos, povos e potências, a partir da década de 1980 verifica-se o retorno do interesse pelo gênero biográfico no campo de estudo dos historiadores (LORIGA, 2011). Sem renegar sua ligação com a moral, bem como com o imaginário, a biografia volta a ocupar seu

espaço entre os gêneros históricos. “A História se cansa de ser sem rosto e sem sabor. Ela volta ao qualitativo e ao singular.” (GUENÉE apud BORGES, 2008, p. 207).

Nesse sentido, para pensar a biografia no âmbito da operação historiográfica, foi realizada uma revisão bibliográfica ancorada em reflexões sobre propostas biográficas, fazendo-se, primeiramente, uma abordagem do percurso da biografia ao longo dos séculos, para, em seguida, tratar de seus aspectos conceituais.

Nesse contexto, evidenciando a vitalidade da biografia como objeto da operação historiográfica, dar-se início a discussão sobre as peculiaridades da narração de uma vida pelo profissional da História, concentrando-se no diálogo com as fontes, com ênfase em um desses materiais para apreensão do objeto de pesquisa biográfica – o discurso proferido pelo outro sobre si – bem como na relação que se estabelece entre o historiador-biógrafo e o biografado.

Feito isto, apresentam-se algumas considerações resultantes da pesquisa empreendida, com o intuito de ter contribuído com o debate biográfico no âmbito da pesquisa histórica, ainda carente de reflexões menos superficiais, com pressupostos teóricos analíticos que possibilitem uma relação mais cuidadosa e produtiva entre biografia e História.

2 BIOGRAFIA: PERCURSO, CONCEPÇÕES E POSSIBILIDADES NA HISTORIOGRAFIA

Quem vê o atual sucesso da biografia, não imagina que o gênero já foi encarado com certa desconfiança e, apesar de ter conservado uma relação fronteiriça com as práticas historiográficas, muitas vezes se gerou certo mal-estar na sua ligação com a História. Mas muito antes da referida “reviravolta”, a narrativa de vida disseminou-se no mundo antigo se ocupando em reconstruir a vida e a forma de viver. Borges (2008) enfatiza que o interesse em narrar trajetórias de vida surgiu na Grécia antiga. No entanto, descrever o percurso de uma vida nada tinha a ver com expor eventos coletivos e “verdadeiros”. Dessa forma, durante séculos estudiosos consideraram biografia um gênero a parte, distinto da História: a biografia relacionada a “arte” de construção de uma história de vida e a História acomodada enquanto tipo de conhecimento “científico” mais ligada aos acontecimentos coletivos. Diante disso, conforme Dosse (2015) a biografia, ligada aos acasos dos destinos individuais, se apresenta nesse momento como um gênero mais popular do que o histórico.

Desde a Antiguidade até a época moderna, a escrita biográfica exerceu uma função pedagógica de perpetuar os valores dominantes. Da biografia dita clássica para a medieval, a ideia dos modelos exemplares prolongou-se. No mundo antigo o modelo moral edificante

girava em torno dos valores heroicos passando, no mundo medieval, a ser permeado pelos valores religiosos, tendo em vista a cristianização. Foi aí que floresceu a hagiografia, a qual visa tornar as encarnações humanas do sagrado como exemplares. No entanto, enquanto que na hagiografia o desenrolar da história obedece a uma lógica teleológica, pois a vida do santo está dada na origem quando parte-se do santo adulto para retornar a infância, a partir da qual já se sabe o fim; na biografia a história se desenrola no tempo de acordo com as potencialidades do indivíduo (DOSSE, 2015).

A noção de herói passeia pela História e cada época inventa os seus e seus valores e até certo ponto o enfoque se direciona mais para a natureza moral, religiosa ou política do indivíduo do que para sua singularidade. Nesse sentido, o autor supracitado ressalta o movimento de individualização ocorrido no século XVII, pois com a concentração de poderes nas mãos da realeza se disseminam os planos de escrita da vida do rei. Dessa maneira, o historiador sucumbe em favor da figura do absolutista, o qual deve parecer o narrador de sua própria trajetória.

Ainda de acordo com o mesmo autor, no século XVIII a noção de “grande homem” substitui a de herói. Isto porque o caráter semidivino do herói é questionado pela razão no Século das Luzes, prevalecendo os méritos pessoais do homem comum ligados a sua eficiência coletiva.

Avançando para a noção de escrita de vida no século seguinte, a narração se baseia na exaltação dos grandes destinos individuais do passado como exemplo de virtude e conduta a ser seguida pelos homens do presente e futuro. Em consonância com Borges (2008), tendo em vista a influência do positivismo e o domínio da História nacional, o foco deixa de ser o sujeito em si e o acento maior na escrita biográfica se dá na trajetória política dos grandes homens.

No século XX, prevalecem os fenômenos coletivos em detrimento dos indivíduos. Dosse (2015) ressalta que com o marxismo a lógica individual é deixada de lado e o gênero biográfico passa a ser entendido como legado da burguesia, servindo para esconder as desigualdades. Logo, “a biografia simbolizava um dos ‘ídolos’ dos quais os historiadores do século XX deveriam se afastar definitivamente, o ‘ídolo individual’ [...] Nesse prisma sociológico, a consciência individual não passa de uma dependência do tipo coletivo” (AVELAR, 2011, p. 140-41).

Diante do que foi pincelado, depreende-se que desde o fim do século XVIII, os historiadores deixaram de lado as ações individuais para focar na História mais geral. Contudo, a sensibilidade voltada para as manifestações da singularidade nos tempos atuais

desencadeia a volta do interesse pela biografia. Esse entusiasmo que começou a tomar forma por volta da década de 1980, dentre outras razões, deveu-se a acontecimentos sociais, como o individualismo e os debates em torno da liberdade do indivíduo; ao ávido interesse na vida dos demais indivíduos alimentado pela mídia; bem como devido a busca árdua pela identidade no âmbito das relações tão fugazes na modernidade. Deu-se em razão também do desenvolvimento de campos do conhecimento que investigam o sujeito em meio social, a partir de quando se nega os conceitos gerais e categorias, se verificando o interesse pelas minorias sociais e a valorização da multiplicidade de sentidos de uma vida (BORGES, 2008).

Para Dosse (2015), o retorno do sujeito provoca a renovação da escrita biográfica numa perspectiva mais reflexiva, atentando para os processos de subjetivação do indivíduo, o considerando como um ser plural, o que modifica a abordagem linear do gênero biográfico. Dessa maneira, na atualidade o que se verifica com o entusiasmo biográfico não se conforma mais no culto a vida exemplar, e sim num direcionamento para a investigação da singularidade, fragmentada numa pluralidade permeada de fenômenos contraditórios e paradoxais que acomodam essa identidade biográfica sempre em grau de transformações.

2.1 Compreensões sobre a narrativa biográfica

A origem da biografia é creditada aos gregos, mas o vocábulo surgiu tardiamente na Inglaterra. Segundo Borges (2008) o termo é proveniente do grego *bios* que significa vida e *graphein* que designa escrever, inscrever, acrescido da partícula *ia*, geradora de substantivo abstrato. A autora ressalta o aparecimento da expressão na língua francesa, em 1721, *Dictionnaire* de Trévoux e a definição do vocábulo no *Dictionnaire de la langue française* (1800-1801) como um tipo de história que tem como foco de estudo a vida de uma única pessoa. Mas foram os ingleses os primeiros a utilizarem o termo, Loriga (2011) destaca seu uso a partir do século XVII na Inglaterra para referir-se a uma produção autêntica, embasada numa narração realista que se contrapunha aos demais modos de escritas de si, com personagens e contextos preconcebidos, como os verificados na oração fúnebre e na hagiografia, por exemplo.

Conforme o objetivo e fase de desenvolvimento, Vavy Pacheco Borges destaca uma tipologia simplificada das biografias, sendo a terceira categoria a adotada para tratar nos limites desse trabalho e entendida como aquela que permite o “mergulho na alma” do biografado, já que a penetração na intimidade da pessoa se dá por meio de documentos da “produção de si”:

[...] o artigo de dicionário biográfico: um breve resumo da vida de uma pessoa pública, por vezes famosa; a monografia de circunstância: elogios fúnebres ou ligados a uma circunstância particular (breves, muitas vezes presentes na imprensa escrita); a biografia dita "científica" ou dita "literária": obras mais importantes, com preferência narrativa e finalidade histórica, que trabalham com documentação numerosa e variada (BORGES, 2008, p 213).

Desde a origem, a biografia busca balancear a vontade de verdade histórica e a tendência ficcional. Avelar (2011) destaca que a ausência de fronteiras demarcadas foi sempre uma característica que perseguiu o gênero, configurando sua habilidade de quebrar ligações com normas convencionais, possibilitando sua relação com literatos e historiadores, o que se desdobra numa das motivações da sua resistência.

Esse gênero “impuro”, “híbrido”, como também atesta Dosse (2015), se localiza num ponto de conflito permanente entre o desejo de reconstruir um percurso real do passado e o foco criador do biógrafo, que faz uso da intuição, imaginação e talento inventivo para preencher as lacunas documentais e os lapsos de memória.

A relação da biografia com a Literatura é de longa data. O autor citado no parágrafo superior defende que como no romance clássico, o gênero convida o leitor a partilhar os sentimentos do biografado, gerando uma expectativa do porvir que com o desenrolar da “intriga” se desvela paulatinamente. Já Borges (2008) ressalta a ligação antiga da biografia com a Literatura, por esta trabalhar de maneiras diversas a função do imaginado ou do vivido pela pluralidade de pessoas que habita cada sujeito, enquanto a “história verdadeira” de uma vida pode ser representada de várias formas pelo historiador.

Cabe salientar que a História enquanto narrativa já foi utilizada para designar o relato descritivo e não analítico de acontecimentos dispostos sequencialmente e cronologicamente, desprovidos de um pressuposto teórico para interpretação. Mas o historiador reconhece que a verdade deve comparecer no seu trabalho historiográfico como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele nunca se formará por uma verdade única ou absoluta, pois a História trabalha com regimes de verdade e não com certezas absolutas, sendo um mesmo fato objeto de múltiplas versões. Dessa forma, se a História e a Literatura são formas de dar a conhecer o mundo, somente a História busca alcançar o real acontecido. O discurso histórico, portanto, mesmo atuando pela verossimilhança e não pela veracidade, produz um efeito de verdade, chegando a atingir um efeito de real (PESAVENTO, 2005).

Nessa perspectiva, a ficção não é entendida como falsidade ou fantasia, mas como aquilo que é construído a partir do que existe. Pois em consenso com a autora

supramencionada, se a História é uma espécie de ficção como a Literatura, pelo fato do historiador criar o passado, ela é uma ficção controlada, especialmente pelas fontes, que servem de intermédio entre a criação do historiador e os rastros abandonados pelo passado.

Dito isto, depreende-se que imaginação difere de invenção, a imaginação do historiador se apoia na crítica documental, pois este profissional submete sua interpretação do passado a uma análise e permanece ligado aos fatos, enquanto o poeta pode criar livremente (BURCKHARDT apud LORIGA, 2011).

No entanto, Loriga (2011), com base em Virginia Woolf, atesta que é inviável a combinação harmoniosa entre fatos e ficção, se estabelecendo um limite que não deve ser ignorado. Isto porque a biografia se fundamenta em fatos administrados por pessoas diversas e não apenas pelo artista, de modo que no momento em que o primeiro inventa fatos como o faz o segundo e busca arranjá-los com fatos de outro tipo, provoca a destruição mútua dos mesmos. Ou seja, no universo livre que permeia o personagem inventado, os fatos são dirigidos de forma singular pelo artista, o qual atesta a veracidade de sua interpretação, criando um universo rígido e completo, fechado em si quando comparado ao criado por episódios concebidos por outros.

Diante dessa ponderação, Dosse (2015) considera que o biógrafo possui uma carência em relação ao romancista, o qual pode fantasiar sentimentos, sensações e emoções do personagem, enquanto o biógrafo encontra dificuldades para dispor de fontes que permitam o encontro com a subjetividade do biografado. Por isso, o estudioso considera a biografia um gênero difícil, tendo em vista se requerer dele, concomitantemente, a moral da ciência, a sedução da arte, a sensibilidade do romance e as criações eruditas da História; presume o gênero como uma mistura de erudição, imaginação literária e percepção psicológica, exigindo também afinidade.

A biografia depende da arte, liga-se a Literatura e evoca uma dimensão científica, pois, como já enfatizado, se a escrita biográfica requer a parte ficcional, necessita da autenticidade. Porém, para além da tensão entre ficção e verdade presente na prática biográfica, em conformidade com Dosse (2015), essa demanda de verdade liga a biografia a História, pois a verdade sempre foi ambicionada pelo historiador, ainda que permeada de subjetividade velada, seja num lugar ou numa prática.

Nessa perspectiva, a História relaciona-se com a verdade dos fatos quando o historiador, de forma subjetiva, escolhe documentos e busca imaginar os impulsos das ações humanas e, ao contrário do romancista, mantém as peculiaridades do passado, sem intenção de subjugá-lo para conceber uma apresentação íntima e sedutora do mesmo (LORIGA, 2011).

Não obstante, há um tipo de veracidade constituído pela mistura do ficcional e factual. Para Dosse (2015) a subjetividade coloca o biógrafo no campo ficcional e o mesmo imagina uma vida tentando dar sentido a ela. Para tanto, muitas vezes se parte do fim, do que o sujeito conseguiu ser, para fundamentar essa trajetória em decorrência do seu devir e da sua posição final e, se buscar trazer tudo a tona é uma ambição que persegue o biógrafo, é também uma situação insolúvel que o leva a ruína.

Nessa ótica, o mesmo autor apoiado em Philippe Lejeune destaca além da posição ideológica do biógrafo, a ânsia de objetividade enquanto discordâncias intrínsecas a biografia, bem como a ambição de uma visão total do que a pessoa foi no decorrer do seu percurso de vida para registrar sua trajetória, pois alcançar a plenitude de uma vida é uma ilusão.

Constitui-se também numa quimera biográfica a compreensão de uma vida como uma trajetória que exprima uma coerência de atos e sentimentos, pois esta não se desvela no real que é descontínuo e aleatório, compreendido por existências fraturadas e permeadas por tensões. Logo, descartada a possibilidade de narrativas do eu por meio de uma narração ordenadora de fatos e causas, o historiador segue com o esforço contínuo de dar sentido ao caótico, visto que não se pode conceber coerência e estabilidade ao que é impreciso e inconstante (AVELAR, 2011).

A característica impura do gênero também coloca a biografia numa linha de cruzamento entre o trabalho do historiador e o do jornalista, quando o biógrafo abraça as condições de verdade do campo historiográfico e persegue com faro jornalístico um personagem (DOSSE, 2015).

Dessa maneira, a biografia se opõe a forma de escrita egótica, pois oportuniza a apreensão da complexidade de uma vida. Os autores que mais sentem os percursos de vida são os que atentam para o impacto da história sobre sua própria vida (LORIGA, 2011). Sobre esse aspecto, Dosse (2015) atesta a dupla faceta da prática biográfica – a ficção construída sobre o outro pelo biógrafo desdobra-se no “autorretrato” do biógrafo que sofreu modificações devido ao seu encontro com o biografado. Assim, o autor destaca a dedução de Dominique Viart quando defende que biografia e autobiografia não divergem e que melhor seria o emprego de uma nova categoria: “alterobiografia”.

É devido a isso, que se pode entender que o autor acima referenciado defende que a biografia é o resultado do biógrafo diferente daquele que se manifesta no cotidiano. Porém, declara que diferente da ficção, biografia e autobiografia informam uma realidade fora do texto, sendo colocado a prova da análise, tendo como intuito assemelhar-se ao verdadeiro e não apenas ser plausível.

Disto entende-se que a biografia também é uma forma do sujeito se colocar ao olhar do outro e permite ao outro o olhar sobre si mesmo para elaborar-se. Foucault (2004, p. 153) ao analisar as cartas de Sêneca coloca a participação do outro na composição de si mesmo: “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe”.

A obra biográfica, para Dosse (2015) evoca uma leitura diacrônica, pois a mesma progride no seu ritmo no decorrer do tempo de forma simultânea a absorção das novidades, mas ao mesmo tempo exige uma leitura sincrônica do âmbito intelectual para se entender um pensamento interrogado pelos questionamentos de sua época.

Nesse contexto, assim como um trabalho histórico, a biografia se mostra sempre acessível a leituras renovadas, apresentando uma natureza parcial, dependendo do olhar, da perspectiva, do enfoque, cada biografia é só mais uma das várias maneiras de enxergar determinado mundo. A história biográfica conforma-se apenas em uma suposição apoiada em verificação documental, manifestação de incertezas, trajetórias lacunares e representações idealizadas. Além das considerações feitas pelo biógrafo no presente serem reconsideradas no futuro, a psicanálise ensinou que apesar de um trabalho árduo empreendido sobre si, não se consegue atingir a verdade. No entanto, a variedade de formas de recepção de uma vida não excluem a legitimidade das mesmas (DOSSE, 2015).

Nesse panorama, Avelar (2011) evidencia que estimulado pelo aparecimento de novas fontes, questões e paradigmas explicativos, os biógrafos não se esgotam em escrever sobre os mesmos personagens, o que auxilia a compreender a vitalidade do gênero biográfico.

2.2 Biografia no campo de estudo dos historiadores

Não obstante o sucesso da biografia, Borges (2008) informa que são poucas as escritas pelo profissional da História, a maioria é produzida por outros intelectuais – como os jornalistas. Mas a estudiosa declara que se por um lado, os historiadores não se importam com essa condição, seja pelo peso demasiado que consideram a função ou por se encontrarem aprisionados no mundo de produções acadêmicas, em outra esfera não se agradam das biografias feitas por outros tipos de profissionais que privilegiam abordagens simplistas e fazem uso de informações grotescas e polêmicas com o intuito de obter uma boa vendagem.

Como o trabalho historiográfico remete a princípios éticos, tendo em vista o rigor teórico e metodológico mesclado a necessidade de aprovação social das produções, o historiador-biógrafo não encara uma vida simplesmente como elemento para exposição e

venda sem levar em conta outras questões, embora entenda como parte integrante de seu ofício devolver a sociedade o resultado de suas investigações (AVELAR, 2010).

A biografia no campo historiográfico se reporta não para a realidade fatural do vivido e sim para um campo de representações a partir das quais os indivíduos fundamentam seu estar no mundo. A escrita biográfica se apresenta nesse âmbito como uma forma de apreensão e de interpretação da vivência com dinâmica própria. Conforme Pesavento (2005) o conceito de representação que reorientou a postura do historiador, a partir das mudanças epistemológicas no âmbito da nova configuração da História Cultural, permite analisar o jogo de construção dos sentidos e significados da realidade, pois as representações construídas sobre o mundo fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência.

Nessa perspectiva, se torna pertinente esclarecer que não existe uma fórmula pronta ou um caminho estabelecido para se narrar o percurso de uma vida. Porém, existe uma série de ressalvas a serem feitas, certos cuidados que ao serem levados em consideração auxiliam numa escrita biográfica aprazível. O que se coloca é que há pontos sobre os quais se devem refletir quando se almeja fazer um trabalho biográfico no campo da História.

Em primeiro lugar, para empreender tal tarefa, depara-se com problemas parecidos com aqueles quando se faz um trabalho de investigação histórica, somados aos que são próprios a investigação de um destino individual, estando os mesmos bastante entrelaçados. Mas antes de tudo, para escrever uma biografia na área da História é necessária uma ânsia para apreciar o outro de forma plena, que se desenvolve a partir da emoção de cada informação desvendada (BORGES, 2008).

2.2.1 Diálogo com o material biográfico

Em sua conversa com o passado, o historiador se apoia nos vestígios que chegaram até o presente para reconstruir tramas históricas. Tendo em mente que se podem construir várias representações do passado e que não se pode esgotar o domínio de uma vida, Borges (2008) afirma que a atenção volta-se para o que parece ser verdadeiro, sendo importante esclarecer ao leitor as colocações feitas, devendo-se apresentar as informações e suas fontes, inclusive as indicações que foram supostas, bem como os palpites realizados diante de processos lacunares de documentações.

Para narrar uma vida, começa-se pela escolha do que parece relevante naquela trajetória, ou seja, já se inicia com a apresentação de uma versão da história dessa vida. Os acontecimentos vistos como maiores na vida de uma pessoa, como nascimento, procedência

social e familiar, são mais fáceis de ser selecionados e devem ser imbricados aos eventos que carregam certo grau de dificuldade na sua seleção, os quais por serem vistos como menores na vida de um indivíduo devem entrar na seleção quando enriquecerem a explanação, ou seja, acontecimentos políticos, culturais, econômicos e etc. devem ser escolhidos para fazer parte da narrativa se tiverem se mostrado marcantes no percurso da vida em foco (BORGES, 2008).

Nesse âmbito, em conformidade com a autora acima mencionada, conta muito o tino do historiador, que não pode se ater apenas aos achados nos documentos, mas buscar interpretar os silêncios intuídos no processo. Diante disso, Loriga (2011) afirma que além de entender as fontes se faz necessário refletir a partir delas, concluindo que a crítica documental não se conforma na essência da investigação histórica, pois ao mesmo tempo em que oferece uma riqueza de informações, também se mostra lacunar. E pensar que os vestígios do passado chegaram até nós tendo em vista seu grau significativo é ingenuidade, pois os próprios métodos de conservação se apresentam como incertos.

Nesse contexto, a subjetividade do historiador pode servir como fonte. Para a autora supracitada, o historiador precisa reconhecer sua subjetividade para utilizá-la enquanto fonte de conhecimento. Isto tendo em vista que a partir de sua sensibilidade será selecionado o que tem importância na investigação, analisando assim seu problema, podendo corrigi-lo, transformá-lo e até se deparar com novos pensamentos.

Para além da sua própria experiência sensível, o historiador-biógrafo lida com as sensações, com o emocional, com a subjetividade do biografado. Às sensibilidades competem perceber e traduzir a experiência do homem no mundo. Foi a atenção com as sensibilidades na História Cultural que evidenciou o indivíduo, a sua subjetividade e as histórias de vida de forma renovada. Mas a experiência sensível deve ser lida como fonte, se objetivando em um registro que possibilite entender seus significados. Nessa perspectiva, o historiador necessita achar a tradução das subjetividades em materialidades que a exteriorizem. Tratar com as sensibilidades não significa tão somente estudar a vida privada, desdobra-se também em lidar com a vida íntima e com todas as suas facetas e maneiras de externar – ou esconder – os sentimentos (PESAVENTO, 2005).

No âmbito da produção das próprias fontes pelo historiador encontra-se a História Oral. Esta expande as possibilidades de se ler o passado ao possibilitar o registro de testemunhos e conectar-se a “histórias dentro da História”. Criando documentos próprios, tais como as entrevistas e, valendo-se da memória do entrevistado, o pesquisador constrói seu documento – o registro oral (ALBERTI, 2008).

2.2.2 Contato com o relato sobre si do outro

Dentre os materiais para se apreender o objeto da pesquisa biográfica está a fala do sujeito sobre si próprio. E uma modalidade de coleta discursiva é a entrevista biográfica. Na discussão em foco o que se questiona é: o que diferencia a entrevista biográfica de outras formas de entrevistas? E mais: Quais as particularidades de uma entrevista biográfica feita por um historiador?

Através das entrevistas buscam-se as experiências e formas de ver o mundo desses atores, as sociabilidades no cotidiano, muitas das quais não foram deixadas nos registros escritos, sendo a História Oral bastante útil para entender as ações do dia a dia. Para Alberti (2008), foi justamente o reconhecimento da existência de várias histórias, memórias e identidades numa sociedade que possibilitaram a relevância da História Oral nas práticas acadêmicas. Porém, a autora enfatiza que o relato resultante da entrevista não pode ser considerado a revelação real do acontecido, não se constituindo em problema a publicação de entrevistas em trabalhos acadêmicos; a confusão aparece quando o texto transcrito da entrevista é apresentado como efeito real e final da pesquisa, pois como fonte a entrevista requer ser analisada e interpretada.

Assim, embora vantajosas e atraentes as possibilidades de pesquisa proporcionadas pela História Oral, há um longo caminho a percorrer desde antes da produção da entrevista e a extração de resultados, sendo necessário também levar em consideração as condições de sua produção. A autora mencionada no parágrafo anterior compreende que entrevista é um veículo fascinante de divulgação de fatos acontecidos, tornando o passado menos abstrato, porém exige-se rigor crítico sobre as informações colhidas, no momento de interpretá-las e divulgá-las, tendo sempre em mente que a entrevista não representa uma imagem fiel do passado.

O objetivo de uma entrevista é recolher o discurso de um sujeito num determinado momento de sua existência, mas o fato dela se materializar em uma fala de seu tempo e espaço a coloca como uma “dimensão constitutiva da individualidade”. Dessa forma, cabe ao investigador em pesquisa biográfica conhecer os contextos nos quais sua investigação se desenvolve, não para separar a esfera coletiva e a esfera individual na fala do personagem, mas com o intuito de compreender as noções de espaço e tempo singulares vislumbrados por cada sujeito no âmbito da sua historicidade e dos mundos de pensamentos e ações dos quais faz parte (DELORY-MOMBERGER, 2012).

O devir biográfico é sempre o produto de uma interação entre a ação dos indivíduos e o determinismo das estruturas. E a maneira como as pessoas dão conta (também a si próprias), pelo relato, dos caminhos e processos por meio dos quais se constituíram não pode deixar de recortar as estruturas sincrônicas e diacrônicas que modelam os percursos individuais. Todavia, o que a entrevista de pesquisa biográfica procura apreender e compreender é justamente a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526).

Podem-se destacar dois tipos de entrevistas, a depender do objetivo da pesquisa. Se o interesse principal é na participação do entrevistado no tema da pesquisa tem-se uma entrevista temática. Mas se o foco é o indivíduo na História, tem-se uma entrevista de história de vida. Porém, pode-se dizer que esta engloba entrevistas temáticas tendo em vista a análise de fatos e conjunturas vivenciadas pelo entrevistado, se atendo a temas que se revelam importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Dito isto, fica esclarecido que os dois tipos implicam na ligação com o método biográfico: “seja concentrando-se sobre um tema, seja debruçando-se sobre um indivíduo e os cortes temáticos efetuados em sua trajetória, a entrevista terá como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência” (ALBERTI, 2008, p. 175).

A autora a que se fez referência a pouco assinala que nesse trabalho de produção de fonte oral, convém preparar a entrevista, tendo claro o objetivo da mesma, depois de longa pesquisa sobre a vida do entrevistado, gerando segurança ao entrevistador que colocará questões pertinentes e reconhecerá respostas interessantes para sua pesquisa, além de perceber oportunidades relevantes para proposição de novas perguntas.

Já na realização da entrevista, o entrevistado é conduzido a efetivar seu próprio trabalho de investigação sobre sua vida, cabendo ao entrevistador compreendê-lo. Dessa maneira, a entrevista biográfica produz um duplo espaço – o espaço do entrevistado enquanto entrevistador de si mesmo e o espaço do entrevistador, cujo objeto próprio de pesquisa é desvendar esse trabalho do entrevistado como entrevistador de si mesmo (DELORY-MOMBERGER, 2012).

A entrevista se dá através da relação entre indivíduos diferentes e com vivências diferentes e geralmente pertencentes a gerações distintas, onde o entrevistado é posto para falar de si a um estranho diante de um aparelho para gravação. Nesse sentido, sendo a narrativa oral resultante de uma interação entre entrevistado e entrevistador, as condições em que se realiza a entrevista e a percepção que o entrevistado tem do entrevistador podem influenciar a fala do primeiro. Como normalmente a narrativa oral não é produzida para registro como o texto escrito, é desenvolvida uma ocasião artificial, a qual pode tanto gerar

motivo de orgulho no entrevistado – pois sua fala foi tomada como significativa para ser registrada, como pode ter um resultado inibidor no discurso do entrevistado (ALBERTI, 2008). Disto, pode-se inferir que a ligação pessoal e institucional do entrevistador podem gerar efeitos na fala do entrevistado, bem como que este também pode ajustar seu discurso a partir das expectativas do entrevistador.

Quanto ao lugar da questão, na concepção de entrevista dita tradicional o pesquisador faz as perguntas certas que lhe darão boas respostas, ao entrevistado, ou seja, buscam-se os argumentos concretos para sustentar a hipótese apresentada preliminarmente. Dessa maneira, as respostas consideradas certas serão aquelas que respondem a questão problema, sendo todo o resto considerado desnecessário e excluído pelo entrevistador, fazendo com que este conduza o entrevistado a avançar na direção da hipótese formulada (DELORY-MOMBERGER, 2012).

Mas o biógrafo, conforme aponta a autora acima aludida, além de entrevistador é um narratário e, disto, depreende-se que sua posição no âmbito da entrevista muda e ele deve deixar expandir-se o espaço de fala do entrevistado, podendo-se compreender que a pergunta não mais antecipa a resposta sucessiva e que, conseqüentemente, a questão do narratário só pode ser subsequente, e esta ordem de inversão, aparentemente, possa não ter mais sentido para sua relação. Porém, a estudiosa coloca que pode parecer tratar-se de uma contradição, mas é apenas outra forma produtiva de estabelecer o espaço da pergunta e o da resposta.

Mas qual é o lugar certo do entrevistador e do entrevistado? Aquele que ouve e busca compreender o relato do outro é o primeiro a ser questionado. Isso quanto a forma de conceber como presente e inteiro o discurso que lhe é direcionado, bem como de significá-lo para o narrador através das formas de organização e reformulações que produz sobre si mesmo. Assim, continua-se na configuração clássica da entrevista, onde a questão que o pesquisador coloca para o pesquisado busca explicitar para o primeiro os aspectos relacionados as causas e desdobramentos do segundo para que este entenda a multiplicidade e a singularidade de seus modos de vida (DELORY-MOMBERGER, 2012). Feito este panorama, percebe-se que o que muda são os lugares dos atores na condução da entrevista.

Outra ressalva, em consonância com Alberti (2008), refere-se ao tempo de duração da coleta do relato. As entrevistas de História Oral ou de histórias de vida pressupõem um período maior de duração para render o que podem, em comparação, por exemplo, com uma entrevista jornalística que tem tempo limitado pelo espaço disponível nos meios de comunicação.

No desenrolar de uma entrevista de história de vida o pesquisador segue o ritmo do entrevistado, pois é este que traça o caminho do seu pensamento. Neste caso, a proposição de novas questões somente deve ser lançada após a conclusão do pensamento do entrevistado, atentando para os assuntos aprofundados em certas ocasiões e outras não, bem como para os momentos de silêncios, além de considerar a influência da percepção que o entrevistado tem do entrevistador e o quanto isso pode determinar o direcionamento de seu discurso (ALBERTI, 2008).

O entrevistador, para a autora a que se fez referência acima, deve ter habilidade em tratar com os “avanços e recuos no tempo”, pois as questões serão tratadas não em ordem cronológica e sequencial dos acontecimentos, mas de acordo com as temáticas geradas no desenvolvimento do diálogo; ele terá que lidar com prováveis repetições, as quais podem ser estudadas enquanto memórias cristalizadas que exercem uma determinada função na significação do passado pelo entrevistado.

Logo, se no âmbito dos recortes da História Oral ou da coleta de depoimentos e/ou história de vida convém certas atitudes do historiador durante as entrevistas, outros procedimentos metodológicos merecem atenção na pesquisa biográfica realizada pelo profissional da História, como o seu contato com o personagem principal da biografia.

2.2.3 O “eu” e o “outro”: a relação com o biografado

A relação biógrafo/biografado mudou ao longo da História. Borges (2018, p. 217-18) ressalta o comportamento dos biógrafos no decorrer do tempo no âmbito do esquema de trajetória biográfica de Michel Trebistch ao examinar biografias sobre Lord Byron: “[...] na ‘biografia clássica’, o biógrafo é o juiz, emitindo valores e apreciações sobre o biografado; na ‘biografia romântica’, ele é o observador imparcial e, na última, a ‘contemporânea’, ele se apresenta implicado na relação biográfica”.

A prática clássica de mostrar as intenções adquire uma importância fundamental na biografia. Geralmente, o biógrafo explica os motivos que o fizeram voltar-se para o percurso de vida do biografado, destacando objetivos, fontes e metodologia utilizada para realizar um pacto de leitura com o consumidor da biografia. E se o biógrafo não é o primeiro a tratar daquela trajetória de vida, é importante destacar em que termos avançará sobre o lançamento de novas questões e documentos, justificando porque sua investigação alcançará um “mergulho maior na alma” do biografado (DOSSE, 2015).

Contudo, se existe a vantagem do historiador possuir erudição, isso não basta para escrever biografias e erudição demais pode até dificultar tal tarefa, é preciso ter dons estilísticos para gerar empatia. Isso é o que Dosse (2015) apresenta com base em outros autores; o gênero tem suas demandas peculiares e tendo em vista que o biógrafo necessita construir uma “história total” do indivíduo, necessita conhecê-lo bem e não só comandar as fontes, ou seja, é preciso ter “estilo” para criar algo interessante. Dessa forma, o autor defende que a erudição pode auxiliar a chegar perto dos sentidos da alma do outro, mas erudição em demasia pode gerar o efeito contrário. Nesse sentido, o estudioso segue afirmando que são muitos os bons historiadores, mas poucos os biógrafos que exercem esse ofício com excelência, pois o mesmo exige mais talentos, como adentrar na personalidade do outro, fazer dela sua residência e deixar que ela habite em você.

Ao moldar a biografia para gerar efeitos, o biógrafo deve manter o herói como centro, para que ele não se perca no cenário. Não deixar passar pequenos detalhes na vida do biografado, que parecem marginais, mas costumam mostrar muito da personalidade dele e se apresentam como os mais fascinantes. No entanto, muitas vezes o biografado puxa o biógrafo para uma conexão não só intelectual, mas também pessoal, sendo conveniente manter certo afastamento do biografado, o qual lhe é atraente (DOSSE, 2015).

Entretanto, a imaginação do biógrafo aliada a decifração das fontes é muito importante; isto, segundo o autor acima mencionado, para suprir a falta de documentos e a impossibilidade de reconstituição do passado, sendo por meio do real a melhor maneira de imaginar. Mas para Loriga (2011), só é possível penetrar na intimidade do outro a partir de uma afinidade entre o pesquisador e o pesquisado, pois suas individualidades não são excepcionais já que se fundamentam na natureza humana de forma geral; embora sejam diferentes umas das outras e se mostre como um exercício complexo compreendê-las.

Nesse contexto, tendo em mente a inexistência de uma neutralidade no ofício do historiador, a relação biógrafo/biografado evidenciou-se importante. O processo biográfico provoca o envolvimento do biógrafo com o biografado a tal ponto do biógrafo enxergar a sua vida na biografia sob diferentes perspectivas, exercendo análises que dão sentido ao seu mundo. Mas tal envolvimento esbarra no limite do exercício do ofício do historiador, onde certa objetividade é alcançada com a interrogação das fontes (BORGES, 2008).

Contudo, nesse âmbito o biógrafo deve tomar o cuidado de não posar de advogado de seu biografado e conseqüentemente de sua própria obra, buscando fazer justiça a vítima da ingratidão e acabar desenhando uma imagem fantasiosa do indivíduo. Embora o historiador-

biógrafo deva buscar fazer justiça longe das imagens fantasiosas para expor sua visão menos parcial (DOSSE, 2015).

Aceitar a subjetividade do indivíduo, em conformidade com Borges (2008), permite entender que a reflexão sobre o contexto do biografado pode auxiliar no entendimento da vida do mesmo, pois o indivíduo se faz pela rede de relações sociais de seu cotidiano; mas os personagens não integram modelos de coerência no âmbito de normas e práticas vigentes, pois vivem em constante tensão entre o vivido e o imaginado, não sendo aconselhável ao biógrafo perceber o biografado em relação ao considerado padrão numa época.

Nesse sentido, as relações e tensões entre indivíduo e contexto, se mostram como uma das mais importantes problemáticas do gênero biográfico no campo do saber histórico. Monteiro e Méndez (2012) destacam que se é possível ler uma sociedade com base numa trajetória individual, isso não implica em tomar o sujeito como um meio e a sociedade como um ponto culminante, pois não se pode entendê-los como essências independentes, que possam ser compreendidas de forma isolada.

Por isso, não se pode vislumbrar o biografado inerte e preso ao seu meio social e ao seu tempo e quanto ao contexto histórico do biografado na obra, não se aconselha a ir mesclando uma parte de vida individual e outra de contexto (BORGES, 2008). Concordando com Dosse (2015), o tempo histórico não deve ser visto como pano de fundo rígido para explicar o destino individual.

Nesse sentido, embora se devam buscar os pensamentos que permearam o vivido, a visão de mundo que envolveu o biografado e seu entorno, bem como considerar que a História compõe de forma essencial cada indivíduo e que este é carregado de História, a mesma é determinada pelas experiências e não por uma visão simplista de identidade social, nacional, racial ou sexual que direciona para uma coesão forçada de uma vida, pois a História não segue uma ordem lógica de eventos. A mesma não corresponde ao encadeamento de eventos ligados entre si que obedecem a uma lógica contínua e coerente, tendo em vista que os acontecimentos formam um conjunto e não uma sucessão, desencadeando um “Caos” do ser (LORIGA, 2011).

Nessa ótica, a autora aludida acima, considera importante prestar atenção que se o raciocínio do pertencimento coloca o sujeito no âmbito de firmes camadas sociais, os direcionamentos da vida social não exprimem coerência e sim fragilidade, sendo fragmentados. Logo, os acontecimentos têm diferentes significados para cada indivíduo, os quais vivenciam a História de modos diversos. Assim, a estudiosa aconselha tomar cuidado

para não promover um vislumbre esfacelado de um percurso individual dividido em seções fechadas, como família, ofício, religião e etc.

Para narrar o tempo do percurso de uma vida, como se parte do fim é preciso ter cuidado pra não se fazer uma espécie de retrospectiva, como se a vida do biografado se direcionasse para aquele término. Além de não se buscar uma linearidade, ao se interpretar uma vida também se deve evitar: “querer fazer do personagem uma ‘revelação da essência da humanidade’ ou, em vez de descrever uma vida, procurar reconstituir um ‘projeto existencial’, reduzindo essa vida a essa fórmula, a um projeto que se realizou ou não” (BORGES, 2008, p. 226).

Contudo, só se compreende o outro a partir dos resultados das expressões de seus estados de alma, ou seja, através da linguagem, da arte, da religião e etc. (LORIGA, 2011). Dessa forma, as marcas deixadas no caminho de suas produções constituem ponto importante enquanto objeto do biógrafo, o qual deve pensar a vida e a obra do biografado de maneira conjunta, colocando-as em conflito. Assim, se mostra essencial compreender a irradiação e a marca deixada pelo biografado em outras vidas para compreender sua própria trajetória (DOSSE, 2015).

Disto, depreende-se que o ofício do historiador na biografia não é moral, por não apresentar modelos a perseguir, se configura como ético, por trazer a superfície eventos próprios da opção, do erro, da ruína. A biografia faz pensar o indivíduo como um episódio peculiar e ao mesmo tempo como um evento total (LORIGA, 2011).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após longo período de ostracismo entre os profissionais da História, se prestando a usos diversos, como a narrar uma vida sem análises contextuais ou de relação com sistemas normativos, bem como para apagamento do indivíduo, tendo em vista sua pequena relevância na descrição dos grandes eventos históricos; as narrativas em torno do destino de um indivíduo, nos dias de hoje, revelam sua pertinência historiográfica.

A biografia no núcleo das práticas historiadoras contemporâneas bebe da sua aproximação com a Literatura e, devido a sua versatilidade e hibridismo vem aproveitando o historiador como competente manipulador de erudição documental com sensibilidade poética e sedução artística, colocando a escrita biográfica como um lugar de entendimento do passado enquanto unidade não estabelecida e incoerente, espaço de conflitos e de construção de trajetórias de vidas abertas, dinâmicas e envolventes.

Focando nas múltiplas identidades e fórmulas discursivas, bem como nas formas descontínuas e contraditórias de configuração da subjetividade, o gênero biográfico mostra sua vitalidade na busca do historiador compreender o outro. Para tanto, este profissional dialoga com categorias analíticas próprias do seu campo e do gênero biográfico para uma exploração cuidadosa das fontes documentais. Sem encontrar um modelo fechado de análise, o historiador-biógrafo faz uma leitura interpretativa das produções de escritas de si e discursivas, no âmbito de propostas metodológicas que permitam o diálogo com o outro em prol de traduzir uma vida.

Com isso, demonstram-se possibilidades interessantes da narrativa biográfica na área da pesquisa histórica, contribuindo com um debate ainda incipiente, mas que dá claros sinais de dinamismo. Isso no âmbito de um devir histórico aberto e em constante mutação, permeado por dinâmicas interativas de desvios e incertezas, possibilitando o redimensionamento de diversos questionamentos relacionados à escrita da História.

BIOGRAPHICAL WRITING AND HISTORY WRITING: THE DETAILS OF A LIFE BY THE HISTORIAN

ABSTRACT

The biographical genre has already been viewed with some mistrust, being, in several times, despised by historians and, although in recent decades have gotten recognition and visibility, are not popular the studies that are dedicated to write a life in the area of History in Brazil. However, the biography has been shown as a renewing approach to writing history placing the individual trajectory subject to several inquiries and interpretations. Soon, it is tried to focus the biography like a modality of writing of History, illustrating some possibilities and limits of the historiographic work that takes this type of text as object of research. To think about the biography in the field of historiographical operation it was carried out a bibliographical review about the genre, focusing on the peculiarities of the narration of a life by the professional of History, through, mainly, its dialogue with the sources and with the speech given by the other, as well as the historiographical-biographer relation and biographed. The results pointed out that without finding a closed model of analysis, the historian does an interpretative reading of the productions of self-written and discursive, in the framework of methodological proposals that allow the dialogue with the other in order to translate a life. Faced with its versatility and hybridity, the genre has taken advantage of the historian as competent manipulator of documentary erudition with poetic sensibility and artistic seduction, putting biographical writing as a place of understanding of the past as unit not established and inconsistent, conflict space and the construction of trajectories of open lives, dynamic and engaging.

Keywords: Narrative of life. Historical narrative. Historiographical operation.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Uberlândia, v. 24, p. 157-172, 2010.

_____. Figurações da escrita biográfica. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 137-155, jan.-jun. 2011

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-233.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, set.-dez. 2012.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política: Ditos & escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MONTEIRO, K. M. N.; MÉNDEZ, N. P. Gênero, biografia e ensino de História. **Aedos**, Porto Alegre, v. 4, n. 11, p. 84-97, set. 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.